

Gravação: 2120382

Duração do Áudio: 00:26:45

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:37)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Clementino Rodrigues
Orador B	Não identificado
Orador C	Não identificado
Orador D	Não identificado

Orador A: O meu nome de nascimento é Clementino Rodrigues. O nome que meu pai de botou mais minha mãe. Clementino Rodrigues. A criancinha, que parece que eu nasci cantando. Tem uma palavra que... Eu era menino, ouvia a minha mãe falar mais e dizia assim, que minha avó chamava-se... Minha avó Vitória. Quando eu nasci, ela virou pra mamãe e disse: "Maria esse menino é diferente!". Então... Por que que eu sou igual as outras pessoas? E ela dizia "Maria esse menino é diferente", então, hoje em dia, eu desconfio que eu nasci cantando. Parece que eu nasci cantando porque pra ser diferente só mesmo a coisa que vocês, braços, pernas etc. E ela dizia "Maria esse menino é

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo, Rio de Janeiro.
CNPJ: 23.923.180/0001-89

diferente!", parece que eu nasci cantando. (cantando) Somente ela! Estou com ela minha vida é um paraíso. Parece que foi o que ela ouviu.

(cantando)

Meu dia vem aí.

Eu vou seguir

Para o mesmo lugar

Meu amigo já se foi

Eu me lembro que nós dois

Só vivia a cantar

Meu dia vem aí.

Eu vou seguir

Para o mesmo lugar

Meu amigo já se foi

Eu me lembro que nós dois

Só vivia a cantar

Quando eu morrer

Quero muitas flores

Quero muitas luzes

Clareando a mim

Quando eu morrer

Que forem me levando

Quero meu povo cantando

Anunciando meu fim

Meu fim

Orador A: Todo esse ambiente aqui... Não tinha casa, não tinha nada de construção. A única construção que tinha era aonde eu nasci, lá em cima, onde tá aquele tanque. A-Ali era a casa que papai fez. Essa terra toda que tava aqui, que vocês estão vendo aqui, com

construção, era a terra que meu pai plantava aipim... Plantava bananeira... É... A gente, meu pai vendia a... O caixote de gás de aipim porque antorege pra revender, era uma maravilha aquele bom tempo. E, até hoje eu estou aqui, né? Alegre porque nasci aqui, nesse lugar onde você está, que foi lá em cima, nasci lá na ponta. E... Aqui eu costume dizer era tudo terra, minha vida era junto com meu pai plantando. E hoje, eu tô aqui, feliz, esperando a hora final... Do dia a dia, né? Mas eu sou bastante feliz aqui.

Orador B: Mas o lugar que você gosta mesmo não é aqui em cima não, né? O lugar que você gosta é lá embaixo?

Orador A: Bom, por causa daquela vida passada com meu pai, aqui não tinha essa casa aqui, tinha aquela terra conforme eu to dizendo a vocês aqui, tudo a gente plantava. E, hoje em dia, meu pai morreu mas eu fico com aquele costume, né, passado, e to no fundo do quintal e eu fico lá lembrando do passado, né? Criando minhas galinhas... É... Plantando um pouquinho de aipim, que eu não tenho mais muita terra... E, passo o dia todo nessa alegria aqui, como vocês estão vendo.

(cantando)

Pori Pora Larim

Orador A: Ou é aqui. É esses cantinho aqui. Aonde eu fico... Hoje em dia eu peguei esses cômodo. Eu fico aqui. Botei as galinha aqui em cima, ficam aí cada uma no seu lugar. Quer que abra aqui?

Orador B: Se você quiser mostrar, você fique à vontade agora. Agora, tá com você, não é mais comigo.

Orador A: Porque é muito cansaço pra vocês. Porque aqui todo dia é isso aí. Óia aí, ó! Vamo. Pronto. Até aqui vocês já viro... O meu meti todo dia. Já viu? Aí... Então, agora a gente vai descer.

Orador B: Tá certo.

Orador A: (cantando)

Porim Dorer

Porim pro vovô vim

Ô ô ô, ô ô ô

Orador A: Aí depois você encosta aí por causa das galinha, pra elas não sair.

(cantando)

Porim

Um Tim Dorim

Ti alore

Orador A: Antigamente, a alegria do pobre era fazer a festa do s... Do aniversário do outro. E era a cousa mais linda do mundo! Era o aniversário de um outro. Então, aqui dentro dessa roça tinha muito aniversário.

(cantando)

Ô minha linda morena

Eu tenho pena de ti deixar

Ma é minha companheira

Eu não posso desprezar

Orador A: Eu como fui um menino que nasci com essas dom de cantar, desde nove ano eu ia pros aniversário, das outras crianças e já cantava as músicas do Rio de Janeiro que se ouvia na vitrola, antigamente era aquela vitrola, nem todo mundo tinha, não. Mas tinha um vizinho que era, tinha melhor condições, tinha uma vitrola, a gente já ia ouvia, pra casa do vizinho e ouvia. Por exemplo, eu menino que gostava de cantar, ia pra casa do vizinho pra ouvir a música na vitrola.

(cantando)

Ô! Porim

Ô, pegano

No des lari lari lari lará

Ô, pega no coqueiro e tira coco, xique xique, macambira no coqueiro, óia lá

Ou pega no coqueiro

Ou sobe no coqueiro

Tira côco, xique xique, macambira no coqueiro, óia lá

Papai, cadê Maria?

Maria foi passear

Papai, cadê Maria?

Maria foi passear

O passeio de Maria

Vai papai, mamãe chorar

Ô ô ô! Pega no coqueiro tira coco, xique xique, macambira no coqueiro, óia lá

Orador A: Então, eu me lembro ainda com nove ano, dez ano, que já cantava essas musicazinha no rádio, coisa e tal. Como essa e muitas outras, né. Essa aqui eu chego de manhã, só subo de noite.

Orador C: Rapaz, riachão é um artista nato. Você vê o riachão, é aquele cara que... Onde você vê ele, ele tá interpretando o artista dele... Né, ele é o personagem que ele criou dele mesmo e ele... Ele ele atua. Né? Naquele personagem ali. Eu não sei se em casa ele ele perde aquele personagem porque ele, aquele jeito dele, rapaz!

Orador A: (cantando)

Orim dore ri

Ia Lori, Ia Lori

Ô, ô!

Orador A: Ó praí a beleza! Isso aqui, pra mim, é uma beleza! Ôh Meu Deus!

(cantando)

Orim

Ia Lori, Ia lori

Ô, ô, ô!

Iri la lori

Ô, ho

Orador C: É um cara que vem mesmo, lá de baixo. Né? Do povo. Duma situação, assim, de conhecimento precário, mas vem extraindo a arte dele, a música dele, vem falando da Bahia, né?

Orador A: É, minha família é de Santo Amaro. É... Meus pais, tudo é de Santo Amaro. E eu era menino quando via a conversa dizer que os homi de Santo Amaro, as pessoas, brigavam muito. Eram valentes. E eu, como criancinha, fui ouvindo aquilo, aquilo, eu não sei por que eu brigava muito com os outros meninos. Eu não era um menino desrespeitador não, mais quando o outro menino fazia qualquer coisa errada... Eu brigava com ele. Eu não queria ver o menino fazer qualquer coisa errada. E foi numa

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo, Rio de Janeiro.
CNPJ: 23.923.180/0001-89

ocasião dessa que eu estava brigando com o outro... Menino... E a mãe dele veio pra desapartar. Eu me lembro. Que quando eu to brigando com o outro menino, a mãezinha chegou: "Ah!! Eu não quero que você brinque com esse menino! Esse menino é um valentão! Esse menino é um riachão! Não brinque com esse menino!". Eu me lembro que eu ouvia essas palavra, nunca mais eu esqueci essas duas palavra: menino valentão e riachão. Quando eu cresci, que me meti nessa vida da malandragem, artista e coisa e tal. Tinha que o artista sempre teve que ter um apelido, e tá. Então, eu escolhi o meu apelido de riachão.

(cantando)

Ó Claudinha

O teu olhar vale um mundão de ouro

Eu vou te dar meu tesouro

Se não me deres teu amor, eu morro

Agora vem

Junto de ti sou feliz

Bem feliz

Assim como a ti

Com mulher eu nunca amei

Mas se não me deres teu amor

A minha morte

Te culparei

É a marcha

Orador D: Ô, glória!

Orador A: (cantando)

Ó Claudinha

O teu olhar vale um mundão de ouro

Eu vou te dar meu tesouro

Se não me deres teu amor, eu morro

Ó Claudinha

O teu olhar vale um mundão de ouro

Eu vou te dar meu tesouro

Se não me deres teu amor, eu morro

Junto de ti sou feliz

Bem feliz

Assim como a ti

Com mulher eu nunca amei

Mas se não me deres teu amor

A minha morte

Te culparei

Cadê ela?

Ó Claudinha

O teu olhar vale um mundão de ouro

Eu vou te dar meu tesouro

Se não me deres teu amor, eu morro

Vai na loja até mundão

Ó Claudinha

O teu olhar vale um mundão de ouro

Eu vou te dar meu tesouro

Se não me deres teu amor, eu morro

Olha aí

Junto de ti sou feliz

Bem feliz

Assim como a ti

Com mulher eu nunca amei

Mas se não me deres teu amor

A minha morte, Claudinha

Te culparei

Vamos nós?

Ó Claudinha

O teu olhar vale um mundão de ouro

Eu vou te dar meu tesouro

Se não me deres teu amor, eu morro

Já está na loja, mundão

Ó Claudinha

O teu olhar vale um mundão de ouro

Eu vou te dar meu tesouro

Se não me deres teu amor, eu morro

Se não me deres teu amor

Eu morro!!

Esse Deus é bom demais!

Orador A: Meu pai com doze ano, é... Eu com doze ano, me botou... Pra aprender ofício de alfaiate. Eu fui pra oficina, lá no na na... No comércio. Eu saía daqui e ia pra o comercio a pé, e voltava. Quando um dia eu fui comprar, eu sempre conto, quando um dia eu fui comprar o material, eu me lembro que eu vim do terreno... Para essa casa comprar o material. Eu estava mais ou menos com uns dezesseis ano, quinze pra dezesseis anos e... Quando eu fui passando... Eu não tive escola, mas eu vi um pedacinho de revista no chão. Eu sinto não guardar esse pedacinho de revista. A gente não se lembra do dia de amanhã. O que vai acontecer no dia de amanhã. Aí, eu peguei essa revista... E aí, comecei a ler. Ler o quê? Eu vi escrito. "Se o rio não escrever, a Bahia não canta". Eu li isso. "Se o rio não escrever, a Bahia não canta". Eu não tive escola... Não aprendi nada de leitura... Mas, Jesus, naquela hora me ensinou. Fez eu lê. "Se o rio não escrever, a Bahia não canta". Querido amigo, isso ficou na minha mente. Eu que cantava as músicas do Rio de Janeiro, como você viu aí e tá, aí continuei na oficina e aquilo na mente "Se o rio não escrever, a Bahia não canta". Fui pra casa.

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo, Rio de Janeiro.
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Passei a noite, dormi. Quando eu acordei, aquilo na mente "Se o rio não escrever, a Bahia não canta", daqui a pouco chegou o que Jesus mandou: a primeira música!

(cantando)

Eu sei

Que sou malandro, eu sei

Conheço meu proceder

Ô ô

Eu sei

Que sou malandro, eu sei

Conheço meu proceder

Ô ô

Deixo o dia raiar, ó

Deixo o dia raiar, ah

Uhul

A nossa como é boa, ela é boa

Somente para batucar

Orador A: Meu Deus! E meu irmão! Quando aquilo veio na minha mente, eu cantando:

Eu sei

Que sou malandro, eu sei

Conheço meu proceder

Ô ô ô

Eu sei

Que sou malandro, eu sei, hul

Conheço meu proceder

Ô ô

Deixo o dia raiar, ó

Deixo o dia raiar, ah

Uhul

A nossa como é boa, ela é boa

Somente para batucar

Orador A: Amigo... Que alegria na minha vida! Meu Deus! Eu digo: Meu deus, que é isso?! Que alegria! Eu que continuando a cantar, então, ficou registrado na minha vida... A primeira música minha! Foi essa! Mandada por Jesus. Querido amigo, esse Deus é uma coisa linda pra mim. NUNCA mais eu esqueci dessa música e começou a vim música do céu pra minha mente... Descia música como água! Contado parece mentira. Era música, era samba de tudo quanto é jeito, até música sertaneja, veio pra mim. Não sei se vocês já ouviram falar "Língua de vaca", esse bairro era aqui. Beleza pura. Foi o...

Orador B: Esse bairro chama língua de vaca?

Orador A: Língua de vaca, é.

Orador B: Por que que tem esse nome?

Orador A: Velha guarda. Porque aqui era onde tinha mais língua de vaca, naquele tempo que fazia a comida do candomblé. Então, a Bahia toda vinha buscar a língua de vaca aqui. Por isso que ficou esse nome "Língua de vaca". Até hoje ainda nasce assim, ó! Língua de vaca.

Orador B: Mas é uma planta?

Orador A: É.

Orador B: Ah...

Orador A: É porque não... Aí pra dentro eu tenho, só que não to vendo nenhum aqui agora, se não lhe amostrava. Mas daí a vontade, só você vendo. É, aqui é abençoado, é. É só você vendo, é uma maravilha! Aí, ó! Olha meu povo, aí! Tudo... Um povo... Carinhoso... Um povo bom. A beleza pura, só você vendo. Até lá embaixo, já viu? Lá é minha vida, eu nasci aqui. Aqui, não existia escada, não. Aqui era... Barro. E tinha um rego imenso que cobria um de nós. A gente descia aqui, naquele bom tempo, com perigo, né?

Orador B: São.

Orador A: Ô, meu garotinho, estou aqui com a imprensa... Registrando o nosso bairro. Ali. E aqui, a gente subia... Até lá em cima. E-e-era barro puro, só você vendo. Uma

belezinha até lá embaixo. Era uma pobreza que não tinha tamanho, mas era uma riqueza de coração. Ai Meu Deus!

(cantando)

Oi, minha linda morena

Eu tenho pena de te deixar

Tu é minha companheira

Eu não posso desprezar

Se algum dia eu ir pra riba, linda morena, vou te levar

Se algum dia eu ir pra riba, linda morena, vou te levar

Quando nós chega lá

Vou arranjar onde fazer a morada

É, é uma paioça, bonitinha, na beira da estrada

Oi, que coisa linda

Nós dois trabalhando na enxada

Oi, que coisa linda

Nós dois trabalhando na enxada

Quando nós tiver um fio

Nós bota ele pra estudar

Depois que tiver crescido

Nós ensina ele a tocar

E quando nós tiver veinho

Senta na porta, amor de apreciar

E quando nós tiver veinho, Hul

Senta na porta

Amor de apreciar

Ei!

Orador A: Então, o grande... Diretor, Mota Neto, paulista... Quando eu fiz o teste com essas três músicas, sertaneja, ele aí disse "É... Você nasceu aqui na Saudade?", eu digo "Nasci". "Você está falando a verdade?", eu disse "Estou. Nasci na bacia". Aí ele disse "Eu já corri esse campo todo aqui, dessa terra, da Bahia, não tem um cantor aqui que tenha esse jeito seu. Esse jeito sertanejo, não tem!". Aí de novo "Você nasceu aqui mesmo?", eu disse "Nasci, doutor". Aí pronto! Ele me empregou no rádio por causa dessa música sertaneja.

(cantando)

Está na hora, ô

Tá na hora de ouvir o sambista cantar

Pori ro ro ro

Vamos

A um pé da aurora

Trombone falando em primeiro lugar

Purim lá re lim lá ra lá

Que está na hora

Ta na hora de ouvir

O sambista cantar

Para lá ra

Vamos

A um pé da aurora, ô

Trombone falando em primeiro lugar, ô

Eu digo

Que a turma não despensa

Esse sopro de cadência

Que vem nos alegrar

Para lá ra

Coro

Enfezando a batucada
Lá pra alta madrugada
O trombone vai falar
Tiri ló ró, Tori lá rá
Está na hora
Ê, gatinhas! Ta na hora de ouvir o sambista cantar
Para lá
Ó o malandro vortano
Vamos ao romper da aurora
Com o trombone falar de primeiro lugar
Turi lá ri, ni lo lara
Está na hora, o ho
Tá na hora de ouvir o sambista cantar
La ra la ra
Vamos
Ao romper da aurora
Com f... O trombone falando em primeiro lugar
Orador A: Tudo na minha vida tem alguma música. Eu só vivo cantando, por isso tá dizendo pra vocês que eu tenho desconfiança que aquela palavra que minha mãe disse... É... Que minha avó disse pra minha mãe, eu tenho uma impressão que eu nasci cantando. Que vocês chegarem aqui, só tô cantando... Quando amanhece o dia.. Que acordo, vem uma nota musical. Na cama.
(cantando)
Porque você não me convida agora
Porim
Quê
Orador B: Riachão!

Orador A: Oi?

Orador B: Quantos anos você tá?

Orador A: Hein?

Orador B: Quantos anos você tá?

Orador A: Noventa e dois.

Orador B: Ê, maravilha!

Orador A: (cantando)

Parim Porarim Porarará

Por que você não me convida agora?

Por quê?

Quê ê

Me leva para sua casa agora

Eu quero jantar com você

Ô

Por que você não me convida agora?

Por quê? Por que ê?

Me leva para sua casa agora

Eu quero jantar com você

Tem mulher linda que um dia

Como de alegria, você me convidou

Mas eu não pude lhe atender

Pois eu digo a você ê

Eu vou, eu vou, eu vou

Por que você não me convida agora?

Ah

Que? Que ê?

Me leva para sua casa agora

Eu quero jantar com você

Ô, ô

Eita, tempo bom danada!

Porim

Fim da Transcrição 00:26:23